

# O TIRO CIVIL

Órgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	LISBOA	Assignaturas
Annuncios, cada linha, typo commum 20 réis	Quinta feira 19 de dezembro de 1895	Lisboa, série de 12 numeros..... 300 réis
Communicados " " 60 "		Provincias, séries de 24 numeros.... 600 "
Reclamos " " 100 "		Numero avulso..... 50 "
Artigos " " 200 "		Paizes da união postal, 24 numeros.. 15000 "

## RESUMO

A instrução nacional do tiro, por *Fontoura Guedes*. — Atiradores premiados. — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. — Carreira de tiro. — Atheneu Commercial. — Projectis de caça, por *Baptista de Sá*. — A carga maxima de um soldado de infantaria. — Nova pólvora. — O urso. — Programmas de gymnastica, por *Pedro José Pereira*. — Um stavozelloz no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.

## A INSTRUÇÃO NACIONAL DO TIRO

(Concluido do n.º 41)

INSTITUIDAS sob a protecção dos altos chefes do exercito; dirigidas por officias que são responsaveis, por todas as alterações ao regimen e fim social, e pela disciplina dos socios, durante as suas reuniões; tendo á sua disposição as carreiras e campos de tiro de guarnição e seu material; direito aos premios estabelecidos; transporte a meia tarifa nos caminhos de ferro; concessão gratuita dos impressos da convocação; admissão á franquia postal de todas as suas publicações, avisos e annuncios, como serviço nacional; concessão gratuita e annual de um certo numero de munições (geralmente 30) por cada socio; isempção dos impostos applicaveis ás sociedades civis; o numero d'armas necessario aos seus exercicios e instrucção; e, emfim, o auxilio obrigatorio de todas as autoridades civis e militares; as sociedades territoriaes teem todas as condições favoraveis ao seu desenvolvimento e necessarias para assegurar os mais prosperos resultados, offerecendo todas as garantias de ordem e de exito.

Estas concessões são todas communs aos membros militares e territoriaes das sociedades mixtas, e algumas d'ellas, taes como as de participação no fornecimento gratuito e annual de munições, e a de concessão de premios são tambem extensivas aos membros civis d'aquellas sociedades. Ao contrario d'isto, as concessões feitas ás sociedades civis, em França, são em numero muito restricto; limitam-se quasi a um *bonus* no preço das munições, e á entrega d'um pequeno numero d'armas (15) para a instrucção do seu manejo e esgrima e só 5 armas de tiro e estas de antigos modelos.

Em nenhum paiz tem talvez as sociedades civis, mais protecção do estado, e a sua acção mais desembaraçada e livre, do que no nosso. Basta dizer-se que nas suas direcções não entra o elemento militar, como aliás acontece na França, Belgica e até na Suissa, e que dispõem das carreiras de guarnição, sem encargo algum com as despezas do pessoal, material e suas reparações, etc.; e todavia a frequencia civil das nossas carreiras degenerou n'uma especie de *sport*, em que figuram sempre os mesmos individuos,

e em edades, posições sociaes, ou situações de fortuna, que certamente os isempitariam em grande numero, de figurarem como soldados n'um dado momento de perigo.

Não são para isto as associações civis de tiro; mas d'ellas não é a culpa, que reside n'esta apathia e indifferença geral por tudo quanto é nobre e grande e possa tender a levantar o amor patrio; n'esta instincta repugnancia do nosso povo, por tudo quanto tenha o caracter de militar.

As primeiras auctoridades civis, como o ministro do reino, o governador civil, os administradores, etc., ainda nem uma só vez compareceram ás nossas pequenas festas nacionaes de tiro, e no entanto el-rei e a rainha ainda nem uma só vez deixaram de as animar com a sua presença; das camaras municipaes do paiz só a de Lisboa se tem feito representar, e tem concorrido com alguns premios, mas nem esta, nem nenhuma das outras inscreveram ainda em seus orçamentos uma insignificante verba, para auxiliar, quando menos, os atiradores civis pobres, que não podem pagar as munições; as poucas carreiras de tiro, que existem, por esse paiz fóra, estão ás moscas, não são frequentadas por soldados, porque os não ha, nem por paesanos porque não querem; se se faz um appello á generosidade publica ou particular para animar com as suas dadivas ou premios estes honrosos certamens d'um povo, que presa a sua independencia, retrahe-se e foge, e no entanto figura sempre com opulencia em todas essas kermesses, beneficios e festas a todos os santos thaumaturgos ou não thaumaturgos; e n'uma palavra, se ao povo, ao artista, ao operario, se mostra, quanto tem de util a instrucção do tiro, e se lhe pede o seu concurso e a sua presença, elle declarará talvez que não póde tirar das suas ferias a importancia das munições, que vae consumir, e no entanto a feria chega para os touros, para as hortas e para todo esse pagode dominiquero, que por vezes termina n'um calabouço policial.

Que podem, pois, fazer as associações civis de tiro, no nosso paiz? Por mais esforços que façam, não realisarão jámais a sua patriótica aspiração, emquanto não forem condignamente auxiliadas por todos, mas especialmente pelas auctoridades e camaras municipaes em seus louvaveis desejos.

Para incutir o gosto nacional pelo tiro ha só um meio, é tornal-o obrigatorio; para o tornar obrigatorio ha só um recurso, é dar a instrucção militar aos reservistas; para tornar esta instrucção possivel pelo lado economico, e proficua, pelo fim a que essencialmente deve visar ha só uma esperanza, é a immediata creação de tantas sociedades de tiro, quantos os districtos de recrutamento e reserva em que está dividido o paiz.

O ultimo decreto sobre o recrutamento creando um fundo especial para a instrucção dos reservistas, decerto chegará, quando menos, para tornar a instrucção do tiro obrigatoria para as praças da 1.ª reserva. Mas é necessario que esta instrucção se mantenha, por todo o tempo, em que o cidadão póde ser chamado para pegar em armas; e, se o estado não póde com essa despeza, deixe ás sociedades de tiro o encargo de a fazerem.

As sociedades mixtas são as que mais convêem ao nosso paiz, e melhor podem satisfazer ao seu fim, sem nenhum dos entraves, que para as outras duas foi notado, comtanto que sejam auxiliadas pelo estado, como em França. Levando a instrucção militar a todos os individuos, de todas as classes e condições sociaes, proporcionando aos socios os recursos necessarios para adquirir esta instrucção; subordinando-a ao elemento profissional militar, e portanto á exacta observancia de todos os preceitos e prescrições regulamentares; conservando as armas e munições nos seus quartéis e depositos, e tirando assim aos governantes e governados todo o pretexto de animadversão ou receio, por suppostas alterações de ordem publica; as sociedades mixtas representam um justo meio termo, entre as civis e militares, que muito convêm ás nossas condições especiaes. A sua organização por districtos de recrutamento e reserva dividiria a população do paiz igualmente, para as necessidades da instrucção, facultando a cada sociedade a carreira regimental d'um districto; subordinaria á fiscalisação do respectivo commandante a sua instrucção e administração; tornaria desnecessario todo o augmento de despeza com o pessoal, visto que elle já existe creado para as carreiras regimentaes, e convenientemente auxiliado por alguns monitores, seria o sufficiente, para os socios da circumscripção; e emfim seria um novo elemento de força a accrescentar á nossa organização militar, e mais uma garantia de ordem e segurança publica, tanto para a defeza das instituições como da Patria.

*Fontoura Guedes,*  
Capitão de infantaria.

## ATIRADORES PREMIADOS

CONCLUIREMOS no proximo numero a publicação das biographias e retratos dos atiradores premiados no concurso de tiro, realisado em 10 de novembro proximo findo e promovido pela *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*.

Terminada esta publicação o *Tiro Civil* offerecerá aos premiados um grupo com todos os retratos, impressos em papel especial.

## ASSOCIAÇÃO

DOS

## ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Na reunião da direcção d'esta patriótica e benemerita sociedade foi hontem apresentada e lida uma proposta do sr. João Consiglieri Pedroso, altamente sympathica e, não só foi votada por unanimidade e sem discussão, mas acolhida com agrado por todos os directores presentes.

A proposta é, na verdade, merecedora de todo o applauso e acreditamos que se realice com exito brilhante. Não faltará, certamente, os elementos officiaes a coadjuval-a.

A direcção resolveu nomear uma comissão para ampliar, modificar ou accetar tal qual está a proposta do sr. Consiglieri Pedroso e começar desde já os seus trabalhos para que se possa tornar em realidade a projectada festa, devendo ser convidada a *Associação dos Atiradores Civis Estrella* a nomear tambem uma comissão de tres membros e o *Grupo Patria* um representante para comporem a comissão executiva do concurso projectado.

Essa comissão ficou composta pelos srs. Palermo de Faria, presidente da direcção da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, João Consiglieri Pedroso, auctor da proposta, e Gil Portocarrero.

A proposta a que nos referimos é a seguinte:

Proponho que a direcção da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, d'accordo com a direcção da *Associação dos Atiradores Civis Estrella*, trate de organizar um festival e concurso de tiro na *Carreira* em Pedrouços nas condições em que eu penso se poderá effectuar este festival e concurso.

1.º—As associações pedirão auctorisação ao ex.º sr. ministro da guerra para poder ser reservado n'esse dia, ou dias, o recinto da *Carreira*, afim de que todas as pessoas que concorram a esta festa paguem á entrada uma quantia nunca inferior a 50 réis.

O producto d'estas entradas deve ser para o cofre dos repatriados d'Africa, ou para aquelles que tenham combatido em favor da Patria, seja onde fór.

2.º—Logo que o ex.º sr. ministro da guerra, tenha deferido o pedido das Associações dos Atiradores, irão as direcções d'estas, convidar Suas Magestades, El-Rei e Rainha D. Amelia e D. Maria Pia, pedindo-lhes o seu valioso auxilio para o bom andamento d'esta festa tão patriótica e humanitaria.

3.º—Obter licença do ex.º director da *Carreira* de tiro, para que todos os serviços dentro do recinto da *Carreira* n'esse dia, ou dias, (exceptuando o da instrucção), seja feito por socios das duas associações, coadjuvados por alumnos da Casa Pia de Lisboa e Real Collegio Militar, para o que se dirigirão aos seus directores officios pedindo-lhes que annuam a este convite.

4.º—Pedir por meio de convites especiaes á imprensa para tomar parte importante n'esta festa.

5.º—Organisar uma comissão especial para adquirir premios que serão offerecidos aos atiradores que mais se distinguirem, e vêr se é possível armar dentro do mesmo recinto duas ou tres barracas de campanha, para vender em leilão os premios ganhos pelos atiradores e que estes generosamente offereçam, para o producto da venda revertir ainda a favor do mesmo cofre dos repatriados.

Estas barracas terão como pessoal socios das duas associações, coadjuvados por alumnos da Real Casa Pia e Collegio Militar.

6.º—Que em uma barraca especial se offereça logar a Suas Magestades para distribuição de premios.

7.º—Que se peça ao ex.º sr. ministro da guerra, conceda que assista a esta festa um contingente de cada um dos corpos da guarnição, e igual pedido se faça ao ex.º sr. ministro da marinha para igual fim, afim de que esta festa tenha o maior esplendor.

Além d'estes alvitres poderão fazer parte d'esta festa ainda outros que por ventura tenham alli cabimento.

Os alvos na *Carreira* n'esse dia, obtida a licença do ex.º sr. director, deverão ser os alvos *Gungunhana*.

8.º—Os grupos *Patria* e *Suisso* devem ser convidados a associar-se a esta festa.

João Consiglieri Pedroso,

Socio n.º 500

\*\*\*

Foi tambem lido em sessão um officio do socio o sr. Eduardo R. Costa, proprietario da antiga Chapellaria Roxo, em que este distincto e conhecido industrial offerece, a exemplo do que se faz em todos os paizes com as associações patrioticas, e como alvitre que entende deve ser seguido por todos os consocios em egualdade de circunstancias, um *bonus* de 10 % sobre todos os artigos do seu estabelecimento na Praça de D. Pedro (Rocio), 51 a 53, sendo obrigatoria a apresentação do diploma respectivo para o desconto lhe ser feito.

Resolveu-se accetar o offerecimento do sr. Eduardo Costa, agradecer-lhe a patriótica intenção que o ditou e comunicar a todos os socios que poderiam desde já aproveitar-se d'esta vantagem.

\*\*\*

Foram admittidos os socios propostos os srs.:

Antonio Corrêa Pinheiro, negociante; Antonio Luiz de Moraes, caixaero; Angelo Marcelino Garcia, gerente de fabrica; Francisco Augusto Pitta, relojoeiro; João Veloso Feijó, negociante; Antonio Emilio Gonçalves, empregado no commercio; Julio Eduardo dos Santos Terra, ourives; Antonio Teixeira de Carvalho, empregado do commercio; José Joaquim Lopes Monteiro, negociante; Joaquim Carlos Eduardo de Freitas, empregado na Alfandega; Francisco Pinto d'Oliveira, commerciante; Antonio Baptista d'Aguiar, lojista; Manuel Joaquim de Souza, negociante; Alberto Lucio Franco, empregado no commercio; Francisco Antonio Carvalho Abreu, empregado no commercio; Alberto Archer, estudante; Carlos Augusto de Moura Trindade, idem; Arthur Moreira de Sá, empregado publico; Francisco Augusto Jayme da Silva, photographo; Pedro Augusto Franco Junior, proprietario.

## CARREIRA DE TIRO

No domingo, 15 do corrente, dispararam-se 990 tiros com a arma de guerra:

O dia esteve chuvoso o que obstou a que a concorrência fosse maior.

Collocação dos alvos:

N.ºs 1 e 2, *normal*, a 100m; n.ºs 3 e 4, *normal*, a 300m; n.º 5, *normal*, a 400m; n.º 6, *normal*, a 500m; n.ºs 7 e 8, *figura de joelhos*, *Gungunhana*, a 200m.

## POULE

Entre os srs. Pedro Augusto Franco Junior e Joaquim Carrilho Garcia, no alvo a 300m; na primeira série de 10 tiros, os dois distinctos atiradores empregaram as 10 balas, no desempate com outros 10 tiros, ganhou o sr. Franco, voltando a empregar as 10 balas; o sr. Garcia empregou 7 balas.

No alvo a 300m, o sr. João de Moraes Carvela, em 20 tiros 19 balas.

No alvo a 400m, o sr. Bernardo Rebelo dos Santos, em 10 tiros empregou 5 balas, sendo uma na *mouche*.

No alvo a 500m, o sr. Joaquim de Souza Padesca, empregou 9 balas em 10 tiros; o sr. Manuel José de Magalhães, 9 balas em 10 tiros, com uma *mouche*; o sr. J. Consiglieri Pedroso, 6 balas em 10 tiros, com uma *mouche*; o sr. Moraes Carvela, 11 balas em 20 tiros, com duas *mouches*.

Todos estes atiradores são da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*.

O sr. João Pedro Fernandes, do *Grupo Patria*, no alvo a 500m, empregou 8 balas em 10 tiros, com uma *mouche*.

Da *Associação dos Atiradores Civis Estrella*, estiveram presentes os 1.º e 3.º grupos, a quem pertenceu o dia; do 1.º, faltaram os srs. Gandara, Carlos Reis e Vizeu; o 3.º grupo esteve com-

pleto; do 2.º grupo esteve o sr. Eduardo de Noronha.

Fizeram 350 tiros nos differentes alvos, dos quaes acertaram 290.

No alvo a 500m, o sr. Thomaz Coelho, 4 acertados em 10; no alvo a 400m, 8 acertados em 10; no alvo a 300m, 10 acertados em 10.

No alvo a 400m, o sr. Noronha, 8 acertados em 10.

No alvo a 300m, os srs. Eduardo Rodrigues, 10 acertados em 10; Roquete, Nunes Ferreira, Moreira e Nascimento, 9 acertados em 10; Diniz, 8 acertados em 10; Furtado Junior, 19 acertados em 20, e no alvo a 400m, 8 acertados em 10.

No alvo a 100 fizeram fogo pela primeira vez, os srs. Firmino Barata, João Antunes e dr. Afonso de Lemos.

O sr. Emilio Kesselring soltou na *Carreira*, 6 dos seus bellos *pombos correios*, que apesar da chuva miuda que escurecia o horizonte, depois de fazer varias voltas orientando-se, seguiram rumo de Lisboa, para a rua da Saudade.

## ATHENEU COMMERCIAL

Está projectado n'esta sociedade um concurso de tiro, que deverá realizar-se brevemente. A arma será a *Flouber* e os alvos serão collocados á distancia de 12 metros.

Como se vê, é um concurso de tiro reduzido, que merece no emtanto todo o nosso louvor. Os atiradores habituar-se-hão e em breve acompanharão á *Carreira de tiro* da guarnição de Lisboa, os socios das associações de tiro civil.

Logo que o programma esteja elaborado dar-lhe-hemos publicidade.

## PROJECTIS DE CAÇA

(Continuado do n.º 40)

Em França o chumbo mais procurado pelos caçadores é o que se faz na *Torre de Saint-Jacques*, com o nome de *plomb durci*; em New-Castle o *chilled shot* é egualmente aquelle que se estima mais.

O chumbo fabricado aqui não prima pela boniteza nem pela regularidade do calibre; é feio e desigual. O que apparece á venda no mercado, devido, por certo, ao pouco escrupulo do fabricante, ao direito protector, á doce quietação dos vendedores a retalho e á condescendencia dos amadores da espingarda, é, além de desagradavel á vista e pouco uniforme, immensamente sujo e molle e apresenta-se todo baralhado, confundido, não deixando, por assim dizer, conhecer-se pela sua verdadeira numeração.

Sentimos ter que fallar assim d'um artigo de produção nacional; mas como poderíamos furtar-nos a dizer esta verdade?

O nosso espirito de patriotismo não queria permittir-nos que d'esta maneira nos abrissemos ácerca do chumbo de caça fabricado no paiz; mas nós podemos convencer-o de que nos devia consentir que assim nos expressassemos, por agora em desabono da nossa industria, mas com o fim louvavel, e por isso digno de desculpa, de estimular a industria portugueza que no genero não produz melhor porque não quer e não porque não sabe.

Tem muita razão os caçadores que se prendem com a escolha do chumbo de que desejam fazer uso, quer seja com relação ao seu tamanho quer com relação á sua qualidade de fabrico; uma e outra cousa contribue bastantemente para o bom ou mau resultado do tiro, para uma má ou boa sorte na caça.

O chumbo de má qualidade, ordinariamente fabricado, menos consistente, o chumbo molle, emfim, tem consigo defeitos importantissimos que muito util é conhecerem-se, como a deformação que n'elle se opéra pela impulsão dos gazes, pelo aperto mais energico no carregamento do cartucho, pela forma alongada que o *choke-bored* lhe dá.

O chumbo mais molle é impellido tambem com menor velocidade, compõe muito peor o alvo e o seu alcance mais pequeno é cousa que não admite contestação nenhuma.

O chumbo duro, resistente, entra com maior valentia no corpo do animal que attingir, e, se lhe bate n'um osso, ou o parte ou o offende mais que o chumbo molle, porque não se abola tão facilmente como este.

A numeração do chumbo não é ainda universal como conviria que fosse e todo o bom caçador deseja com a maior ansiedade, para não dar logar a confusões, que tantissimas vezes se tem dado e continuarão por certo a dar-se emquanto não se adoptar uma numeração unica, ou houver caçadores que desconhecem a differença consideravel que n'ella existe d'umas para outras nações e dentro mesmo d'uma só nação, como succede mais pronunciadamente na Franca comparada a numeração adoptada em Paris com as de Lyon, Marselha, Bordeus e outras cidades ainda, onde se fabrica esta munição venatoria que, já pela differença apontada de seus numeros, já pela divergencia d'opinões ácerca do emprego de seu menor ou maior calibre, faz hesitar tanta vez o caçador menos pratico quando tem que a utilisar em certa caça ou em certos alvos a que não está habituado.

Porto — Dezembro, 1895.

(Continúa.)

Baptista de Sá.

### A carga maxima de um soldado de infantaria

N'ESTES tempos de paz armada, o assumpto mais importante é da carga maxima do soldado de infantaria. O ministro da guerra da Allemanha acaba de mandar fazer experiencias n'este sentido pelos alumnos do instituto medico Frederico Guilherme, vestidos de soldados e com o equipamento de campanha. Fizeram marchas variando entre 24 e 25 kilometros com cargas de 22 a 31 kilogrammas e com os tempos mais diversos.

Resulta d'estas experiencias que, quando a carga não excede 22 kilos, uma marcha de 25 a 28 kilometros, a uma temperatura média, não exerce acção nociva sobre o organismo do soldado. Quando está muito calor, porém, a mesma marcha occasiona perturbações, sem gravidade, que desaparecem passadas algumas horas e não deixam vestigios.

Uma carga de 27 kilogrammas não exerce acção nociva e pôde ser facilmente supportada, em tempos ordinarios, durante marchas que variam de 22 a 28 kilometros. Mas durante os calores a marcha n'estas condições fatiga o soldado que se resente durante muitos dias.

A carga de 31 kilogrammas, qualquer que seja o tempo, é absolutamente prejudicial, provoca rapidamente nas marchas repetidas o enfraquecimento geral do organismo.

A carga maxima do soldado de infantaria europeu parece, pois, que deve ser limitada a 27 kilogrammas.

Dizemos o europeu, porque não deixa de ter interesse comparar estes algarismos com a maravilhosa facultade de resistencia dos carregadores pretos que percorrem grandes distancias com cargas de 35 kilogrammas e que, durante 15 dias e mais, sem interrupção, fazem diariamente marchas de 25 kilometros sob o sol d'Africa, atravessando pantanos e rios, trepando a montanhas e contentando-se para a alimentação com mandioca e bananas.

Ha poucos exemplares no mundo de tal força de resistencia. E' um facto que vem em apoio da asserção muitas vezes feita de que as raças humanas de mais vida nascem na região tropical.

Os pretos da Africa central são um exemplo.

### NOVA POLVORA

A terminologia dos explosivos adoptados successivamente pelos diferentes exercitos augmentou com o fabrico da *ecrasite*, feita nas officinas austriacas.

A partir d'este anno, cada bateria de campanha do exercito austro-hungaro substitue nas suas munições 15 obuzes ordinarios por 15 obuzes de *ecrasite*, de grande força explosiva.

### O URSO

QUANDO em espessos turbilhões começa a cair a neve, o urso da Russia estende-se no chão e fica sepultado sob a grossa camada de gelo que o cobre. Está alli como em um tumulto branco, que se eleva e cresce de hora para hora, pouco a pouco endurecido pelo frio, gelado pelo vento.

O calor desenvolve-se, o corpo do animal alarga as paredes d'aquella prisão improvisada, onde pôde mover-se sem grandes esforços. A sua quente respiração acaba por atravessar a prisão de neve por uma especie de tubo delgado e recto, projectando para o exterior uma columna de vapor.

Dir-se-ia então uma caverna que respira por alguma bocca invisível e mysteriosa.

Esta columna de vapor é a perda do urso, porque denuncia a sua presença. O camponio russo não se engana.

Descoberta a jazida, vae procurar caçadores e vende-lhes o que achou por acaso, encarregando-se de desalojar o animal.

Os mujiks cercam a prisão de neve, fazendo ruido infernal que desperta e assusta a fera, e quando o urso apparece atravez do seu abrigo desmoronado, é visado pelas carabinas, ferido pelas balas. A sua respiração foi a sua morte; é victima d'essa columna de vapor que o fazia viver.

Como seu pae, o czar Alexandre II é grande caçador d'ursos.

Os picadores perseguem o animal e dirigem-no para o lado do imperador a quem está reservada a honra de atirar ao urso; quando está apenas ferido, o animal furioso, ergue-se nas patas trazeiras, marcha para o seu adversario, com as patas deanteiras estendidas como braços pelludos e tremulos.

Ninguem atira depois do czar; mas um cossaco do seu sequito avança, armado de comprida lança atravessada por uma

haste de ferro que lhe dá o aspecto d'uma cruz.

Cega pela raiva, a fera agarra a haste de ferro com as potentes garras e puxa violentamente para si a lança, crava-se, atravessa-se, apunhala-se, cae e morre, carrasco de si proprio, um verdadeiro suicidio.

Mais commovente, mais perigosa e mais simples ao mesmo tempo é a maneira porque o camponez russo caça o urso da montanha.

Por unica arma uma faca; por escudo uma pelle de phoca com que o mujik envolve o braço esquerdo.

A vista do caçador, que o excita e desafia, o urso levanta-se em toda a sua altura e, rugindo de colera, precipita a sua massa enorme sobre o aggressor.

Ao assalto furioso da fera, o camponez oppõe o braço dobrado, protegido pela pelle da phoca, contém o seu terrivel adversario, baixa-se logo e, com um movimento rapido como o relampago, abre com a sua larga faca o ventre do plantigrado, dá um salto para traz e espera que a sua victima expire n'uma suprema e formidavel convulsão.

Não ha talvez caçada que exiga mais vigor e serenidade. Se o camponio erra o golpe, está morto.

Em Franca, o urso chama-se *Martinho*, na Russia, *Miguel*.

Para dizer a verdade, não é temivel nem bellicoso senão quando está cruelmente ferido, quando prevê que a sua pelle está arriscada a ser vendida.

Os camponezes russos não deixam de incommodar, de o perseguir, de o apedrejar, de o injuriar: «Anda salteador Miguel, patife Miguel! ladrão Miguel! destruidor de cortiços! flagello das abelhas!»

Despresando estes insultos e estes ultrages, o impassivel *Miguel* apressa o passo methodicamente grave e vae tranquillo para a montanha em procura de morangos ou d'um favo de mel.

O mel é a paixão e muitas vezes a perda d'esse enorme guloso

O camponez russo emprega um meio bastante original para apanhar sem perigo o urso novo, que quer comer guisado e cuja pelle receia estragar.

Ao ramo d'uma arvore o mujik suspende uma corda bem coberta de mel que se balouça no ar.

Chega o urso, de ventas no ar, levanta a cabeça, ergue-se nas patas, deita a lingua de fóra, tenta chegar á corda, objecto da sua gulodice.

Mas vae longe, como se sabe, do prato á bocca; a distancia da corda está habilmente calculada pelo mujik e o extremo seductor, escorrendo o saboroso mel, fluctua, inacessivel, por cima do urso que, de pé e saltando, dança sem descanço uma especie de walsa atordoadora e grotesca.

Um fosso foi aberto e disfarçado com terra e ramos muito perto da corda tão cobiçada, e, dançando, o desgraçado animal acaba por cair, amaldiçoando a sua gulodice; os peccados são sempre castigados.

Os caçadores chegam então e matam-no á paulada, sem receio de deteriorar a preciosa pelle.

Já não é uma fera: é um guisado, um guisado excellente, que será saboreado n'um banquete triumphal, bebendo-se ondas d'agua-ardeente em honra do pobre *Miguel*, que não voltará á montanha em procura dos ramos de morangos e favos de mel.

(Continúa.)

## PROGRAMMAS DE GYMNASICA

(Continuado do n.º 41)

## II — Gymnastica militar applicada

## c) — Muros — (columnas humanas.)

A um dominar a crista d'um muro de 1<sup>m</sup>,5 a 3<sup>m</sup>. — A dois dominar a crista d'um muro de 3<sup>m</sup> a 3<sup>m</sup>,5. — Passar a classe por sobre um muro de 3<sup>m</sup>,5. — A sete dominar a crista d'um muro de 4<sup>m</sup> a 4<sup>m</sup>,5 de altura. — Passar uma classe por sobre um muro de 4<sup>m</sup>,5 de altura. — A cinco idem. — A dois pela suspensão do penultimo passar toda a classe sobre um muro de 3<sup>m</sup>.

Nota. — Os alumnos costumam-se-hão a transportar a espingarda e as munições.

## 21.º — Na prancha de riscos.

1.º — Subir por movimento alternativo das mãos.

2.º — Subir por movimento simultaneo das mãos.

## 22.º — No cavallo de madeira.

## a) — De travez, sella.

Debruçar e saltar. — Debruçar e montar. — Montar. — Sentar á esquerda. — Passar á direita e saltar. — Sentar á direita e saltar. — Salto de barreira. — Salto de joelhos. — Salto por entre as mãos. — Mão direita (esquerda) na anca montar. — Mão direita (esquerda) na cabeça montar. Mudar de frente. — Ajoelhar bipede saltar. — Saltar o cavallo.

## b) — Ao correr, anca.

Sentar entre as mãos. — Saltar á sella, montar (sentar á direita á esquerda). — Ajoelhar e saltar. — Percorrer o cavallo. — Subir á attitude bipede e salto do eixo. — Sella. — Saltos a sella. — Salto pela direita (esquerda) mãos na sella. — Cabeça. — Montar. — Sentar á direita (esquerda). — Salto á sella. — Cavallo. — Salto á cabeça. — Transpôr o cavallo mãos na cabeça. — Transpôr o cavallo mãos na anca e na cabeça. — Idem de lado. — Salto do cavallo, etc, etc.

## c) — Exercicios de transporte.

1.º — Armar appparelhos: — Transportar e armar as escadas de madeira (a um, a dois). — Idem as varas e mastros. — Transporte das cordas e modo de as fixar em logares inacessiveis. — Modo de fixar as cordas de incendios nas sacadas etc. — Modo de passar a espia (linha) por sobre um valle ou ribeira e fixar a corda horizontal.

2.º — 1.º Transporte da arma: — Na marcha, na carreira, nos saltos, nas escadas, nos appparelhos de trepar, a nado.

2.º — Das munições e demais equipamentos: — Nos diferentes exercicios, na pista dos obstaculos, na agua.

3.º — Transporte do sacco de areia: — N'alguns dos exercicios dos appparelhos na pista dos obstaculos a travez os campos.

## d) — Exercicios de assalto.

1.º — Modo mais facil de dominar a trave: — (a alturas diversas). — Por meio de salto com o auxilio da perna.

2.º — Modo mais facil de dominar a escada horizontal: — Pela subida com a perna e de ante-bracos.

3.º — Modo mais facil de dominar a prancha de subidas: — Pela subida com a perna, de frente e de ante-bracos.

4.º — Modo mais facil de dominar o muro sem espigão: — Pela subida de ante-bracos.

5.º — Modo mais facil de dominar o muro com espigão: — Com o braço direito e a perna.

Estes exercicios praticam-se primeiro sem arma, depois com arma e finalmente equipados.

## B — Na pista dos obstaculos.

A pista pôde constar de 3 especies de exercicios.

## a) — Exercicios de progressão e de saltos.

b) — Exercicios de passagens difficeis (equilibrios, etc).

## c) — Exercicios de trepar.

## d) — Exercicios de progressão e de saltos.

1.º — Exercicios de progressão: — As cadencias, as marchas e as carreiras foram estudadas na gymnastica da escola primaria — resta augmentar a resistencia pela pratica d'estes exercicios de modo que o soldado consiga o aperfeioamento de que é susceptivel. Na pista dos obstaculos põe-se em pratica a grande velocidade por isso que o caminho a percorrer é em geral curto — e as classificações são eu vista do tempo gasto em percorrel-o. — As carreiras de resistencia fazem-se no campo nas diversas excursões.

(Continúa.)

Pedro José Ferreira.

## UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

## Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 41)

OLHEI para o ar, nada, lancei rapidamente a vista para diante, nada tão pouco, era prodigioso.

— Então, excellentissimo? Não atira, perguntou-me Titano, levando a arma á cara.

— Atirar a quê? não vejo cousa alguma.

— Pois...

Duas enormes detonações repetidas immediatamente por milhares d'echos, soavam aos meus ouvidos, prolongaram-se por um espaço, cuja duração me foi impossivel apreciar, e terminaram por ribombos surdos e cada vez mais distantes, semelhantes a trovões, quando a tempestade se afasta.

Quando voltei a mim da minha surpresa, vi os dois cães que voltavam. Torquato foi direito a seu dono, e Solimão aproximou-se de mim.

Cada um d'elles trazia uma perdiz.

Peguei na que Solimão me apresentava, e examinei-a com a curiosidade, que certamente os verdadeiros caçadores comprehendem. Era o animalinho mais encantador da terra. Os grãos de chumbo, que a tinham attingido debaixo da aza, tinham-n'a estragado o menos possivel, e parecia antes adormecida do que morta. Admirando a alvura maravilhosá da sua plumagem, comecei a comprehender como se poderia confundir com a neve de que estavam rodeados, e fiquei admirando ainda mais a finura de vista do velho caçador. Esta perdiz era um terço mais pequena do que a nossa perdiz ordinaria; mas conservava todas as suas fôrmas com mais finura e elegancia. Os pés eram pretos armados d'unhas curtas d'um cinzento rosado. O bico da mesma côr, aproximava-se, quanto á conformação, do da rola. O iris dos olhos era côr de canella clara, e um pequeno circulo côr de rosa vivo debruava ás palpebras.

Titano disse-me que era femea, mostrando-me ao mesmo tempo a outra que me afiançou ser um macho; era maior e tinha esporões nas patas.

— Mas como diabo se arranjou para fazer este double? perguntei a Titano. Declaro debaixo da minha palavra que não vi voar cousa alguma.

— Comtudo alguma cousa voou, respondeu-me elle, por isso mesmo que ha alguma cousa que não vóa mais.

Não havia nada mais logico do que este raciocinio, mas não respondia á minha pergunta, que me apressei em renovar.

— Veja, excellentissimo, o ar é d'uma tão grande pureza por aqui, que prestando attenção pôde-se descobrir o mais pequeno vapor que o atravessa. Por exemplo, olhe para aquelle corvo que passa lá em baixo.

— E então?

— Não nota cousa alguma de particular n'elle.

— Nada absolutamente.

— Examine melhor.

— Presto tal attenção que me faz chorar os olhos. Ah! espere um pouco! não sei se é effeito da minha vista fatigada, mas parece-me vêr um pequeno rasto de fumo pardo por detraz do animal.

— E' isso mesmo excellentissimo, e é d'esta fôrma que a minha vista segue as perdzes brancas. Aquelle rastosinho de

fumo é produzido pelo calor que se exhala do corpo de todos os animaes, e como o ar é muito fino a esta altura, acontece que... por minha fé, o cura de Piguierol explicou-me bem o caso; mas esqueci-me.

— Comprehendo menos mal, simplesmente nunca descobrirei bastante bem aquelle fumo para atirar com certeza, e por esta fôrma estou tentado a attribuir ao acaso o double que fez.

— Pois bem! logo recomencarei, excellentissimo! Quantos acasos precisa ainda para se convencer que lhe digo a verdade?

— Apenas um.

— Então a caminho, replicou Titano, que durante este dialogo tinha continuado a carregar a espingarda.

Pozemos-nos em marcha e os nossos cães começaram novamente a caçar.

Passado um quarto d'hora, sempre andando em frente, Solimão, que galopava á minha esquerda, voltou-se bruscamente, e ficou immovel com o corpo encurvado como se ficasse petrificado na posição que tomára. Estava marrado, e a caça tinha-o surpreendido.

Fiz signal ao velho caçador, que se apressou em approximar-se.

— Então, senhor marquez, abra bem os olhos e lembre-se do que lhe disse ha pouco, não é necessario mais que habito. Se errar, eu atirarei em seguida para fazer o meu segundo acaso.

E' indispensavel uma pequena descrição do local para fazer comprehender bem o que vae seguir-se.

O sitio em que Solimão acabára de ficar marrado estava coberto de neve como aquelle em que Titano pouco antes fizera o seu double; mas quarenta passos proximamente para além do cão, e por conseguinte na direcção que a caça que devia levantar se tomaria, começava uma especie de monte de neve de pequena largura, cuja superficie azulada feria a vista d'uma maneira bastante notavel sobre a tolha d'uma alvura deslumbrante que a cercava por todos os lados. Titano notado este pequeno accidente pittoresco, sem pensar na utilidade que poderia tirar d'elle.

Olhei como da primeira vez para baixo do nariz do meu cão, mas não pude vêr cousa alguma, apesar de Titano e mesmo o marquez me affiançarem que distinguiam perfeitamente cinco ou seis perdzes umas ao lado das outras.

A bulha das azas e o canto lastimoso preveniram-me de que se tinham levantado. Metti a espingarda á cara na esperanza de vêr os pequenos vapores cinzentos e de fazer fogo um pouco ao acaso, mas não vi absolutamente nada semelhante.

De repente soltei uma exclamação de alegria immediatamente seguida da dupla detonação da minha espingarda, e tive a satisfação de poder dizer a Solimão: «Traz cá!»

Eis o que se tinha passado: emquanto as pobres perdzinhas tinham voado rasando a neve, confundiram-se d'algunha fôrma com ella; mas chegando por cima do azul do monticulo, tinham-se destacado sobre aquelle fundo mais sombrio do que ellas como nuvensinhas brancas no céu, e eu tinha aproveitado esta circumstancia para apontar rapidamente e fazer fogo.

(Continúa.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO